

**VÁRZEA DE MARITUBA/BRASIL:
Imagem e Texto Tecendo Memórias e Narrativas**

Maria de Lourdes Lima

Doutora em Ciência da Informação
Programa de Pós-Graduação em História
Universidade Federal de Alagoas
loulima09@gmail.com

Regina Coeli Carneiro Marques

Mestra em Geografia
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal de Alagoas
reginacoelimarques@gmail.com

Relato de Pesquisa

Resumo

Partindo do tema fotografia e cultura anfíbia, o presente artigo se situa em uma área de confluência entre memória cultural e informação. Logo, tem-se por objetivos: identificar as imagens captadas pelo fotógrafo Edvaldo Damião em 1991, em combinação com a leitura dos relatórios produzidos e organizados por Silva e Marques, respectivamente, em 1990 e em 1992; conferir visibilidade à Várzea da Marituba através das fontes visuais, escritas e orais; comparar as três formas de linguagens, de modo que elas dialoguem entre si fornecendo subsídios e complementaridade. Portanto, o *signo indiciário* se constituiu na metodologia de pesquisa, na medida em que se fez uso desses vestígios visuais, escritos e orais e se passou a preencher lacunas e vazios deixados pelo lastro temporal existente de 1991 a 2011, quando da realização da pesquisa de campo, pelas autoras deste artigo. Os resultados da pesquisa incidiram sobre um quadro de reflexões sobre o *bem patrimonial* (i)material, vinculado ao ecossistema identificado como a Área de Proteção da Várzea de Marituba do Peixe. Nesse sentido, compararam-se, de um lado, os registros visuais e escritos e, de outro, a oralidade da comunidade ribeirinha. As conclusões apontam para a necessidade de se estabelecer diálogos capazes de produzir reflexões e soluções sobre uma crise de alcance político e socioambiental que atinge não só o patrimônio natural, mas o patrimônio cultural dessas populações, onde moradia, saúde, alimentação e educação se fundem no bem-estar social.

Palavras-chave

Fotografia. Edvaldo Damião. Cultura Anfíbia. Signo Indiciário. Várzea de Marituba do Peixe.

A ilha é apenas um círculo, mas um círculo especial de terras e águas, uma figura anfíbia [...] como círculo é uma metáfora alagoana da cultura. Sem a água, a metáfora da ilha desaparece. E a terra apenas sem a água não constitui a metáfora insular [...].
(Dirceu Lindoso, 2005).

1 CONTEXTO E TRAMA

A Várzea da Marituba formada por *canais naturais* localiza-se no baixo curso do

rio São Francisco, entre os municípios de Penedo, Piaçabuçu e Feliz Deserto, no Estado de Alagoas, cuja unidade da federação está inserida no nordeste brasileiro. A área

geograficamente também é denominada de semiárido alagoano, em razão da confluência da região Agreste com a região do Sertão, porém beneficiadas com a presença do rio São Francisco, no passado, denominado *rio da Unidade Nacional*.

Nos estudos sobre a Várzea da Marituba, esta se apresenta como um espaço constitutivo do que se convencionou chamar de *áreas úmidas*. A sua formação deve-se a junção dos rios Piauí e Marituba. O que também concorre para qualificá-la como uma *eco região* (MARQUES, 1992). Portanto, esse recorte eco-sócio ambiental tem se tornado vulnerável às tensões entre *natureza e cultura, sociedade e economia, autoritarismo e resistência*, vetores que informam acerca de um ecossistema ameaçado há décadas.

Isto se deve, de um lado, ao *poder econômico* e à *racionalidade produtivista*, via expansão agroindustrial canavieira; e, de outro, às *políticas estatais desenvolvimentistas* – implantadas pela Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (CODEVASF) – vinculadas às políticas de irrigação e drenagem na região, entre outras.

De posse do problema, acima, formulado, passemos aos objetivos deste estudo:

- observar o estado da questão após vinte anos da captação de imagens em 1991, pelo jornalista e fotógrafo amador Edvaldo Damião, e da publicação dos estudos de caso, respectivamente, *As várzeas ameaçadas* (SILVA, 1990) e *O RIMA do poder e o contra-RIMA dos deserdados: destruição e sobrevivência da Várzea da Marituba* (MARQUES, 1992).
- conferir visibilidade à Várzea da Marituba através de fontes, sobretudo, visuais, acrescidas das escritas e orais;
- comparar as três formas de linguagens, de modo que elas dialoguem entre si fornecendo subsídios e complementaridade.

Com base no exposto, este trabalho consiste em recuperar o conceito de cultura anfíbia, sugerido por Lindoso (2005), e ao fazê-lo retoma a noção de *cultura anfíbia* obje-

to de sua obra a *Interpretação da Província*, cujo foco está centrado na *cultura alagoana*. Porém, transitar da *noção* para o *conceito* implica em dialogar com práticas sociais, políticas e culturais, em consonância com as suas respectivas representações simbólicas próprias ou constitutivas da malha social.

No caso, o universo representacional de Lindoso (2005), a partir de uma escrita *de e sobre* Alagoas, visualiza a emergência de uma *cultura anfíbia*, já objeto de diferentes olhares, a saber: *Canais e Lagoas*, de Octavio Brandão, editado em 1918; o que suscita em Gilberto Freyre referências sobre essa condição anfíbia; nas observações de um estudioso em cultura popular, o alagoano Théo Brandão; na prosa e na poética de Jorge de Lima, na literatura de Graciliano Ramos, cujos personagens se nutrem desse ciclo constituído pela água e por sua ausência. Isso para se ater à lista fornecida por Lindoso (2005), quando recupera a noção de cultura anfíbia, circunscrita a Alagoas e a sua gente.

Em meio a esses olhares nascidos da escrita, Lindoso inclui a cartografia de uma toponímia aquática pela qual Manuel Diegues Júnior navegou, em *O bangüê nas Alagoas*, a começar pelo próprio nome da Comarca – *Alagoas* – depois, elevada à categoria de Província em 1817. Dessa toponímia constituída por terras úmidas e secas, o Baixo São Francisco alagoano passa a ser um desdobramento necessário.

Logo, o conceito de cultura anfíbia não só se adequa à geografia e às representações culturais, mas aparece inscrito no círculo – formado por terra e água – ou seja, herdeiro de uma *dualidade*, onde os antagonismos e as complementaridades são mecanismos indispensáveis à sua existência. De onde se infere que a *memória social* – enquanto *prática e representação visual do cotidiano* – ocupa um lugar crucial nesta trama.

2 MEMÓRIA SOCIAL E SIGNO INDICIÁRIO

Essa *memória social* (re)articula, continuamente, *presente e passado, esquecimento e imaginário cultural, estado e sociedade, monocultura*

e diversidade, monopólio econômico e produção familiar. O ponto de partida envolve um conjunto particular de registros, ou fontes documentais, cuja representação tem lugar na fotografia, na literatura, na oralidade e nos relatórios que abordam a questão da Várzea da Marituba, sobretudo, pela problematização do Relatório de Impacto Ambiental (RIMA). Este vinculado ao *Projeto de Irrigação e Drenagem da Várzea da Marituba*, sob a gestão da CODEVASF, presumivelmente em 1979 (MARQUES, 1992).

O nosso questionamento partiu de mais dois Relatórios elaborados, pela academia universitária, respectivamente, em 1990 e 1992. Logo, o conjunto desses registros é examinado à luz do *método indiciário* de Carlo Ginzburg (1990).

O ponto de partida, os indícios, ou sinais, deixados pela fotografia, captada pelo fotógrafo Edvaldo Damião, em 1991. De posse do evento, tornou-se possível (re) fazer o percurso traçado pelo movimento ambientalista em “Defesa da Várzea da Marituba”, através do “S.O.S. Várzea da Marituba” que convocava a sociedade para uma *Audiência Pública*, em 01 de fevereiro de 1991; e pelo Programa correspondente ao “*Ciclo de Palestras sobre a Várzea da Marituba*”, coordenado pelo então Programa de Extensão Ambiental do Centro de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Alagoas (PEA/CCBi/UFAL). O Ciclo de Palestras iniciou as discussões sobre a Várzea da Marituba em novembro e dezembro de 1990 e se prolongou até janeiro e fevereiro de 1991 (MARQUES, 1992).

Seguindo a trilha, deixada pelos registros fotográficos, de início, localizamos, de modo contingente, a coautora deste trabalho, a arquiteta e ambientalista Regina Coeli Carneiro Marques, na ocasião, designada, pelo então Instituto do Meio Ambiente (IMA), à época subordinado à Secretaria Executiva de Meio Ambiente, Recursos Hídricos e Naturais, para subsidiar os estudos de delimitação da área e elaborar a minuta de Decreto que ensejou o Decreto Lei n.º 35.858, de 04 de março de 1988, ou seja, a criação da Área de Proteção Ambiental (APA) da Marituba do Peixe.

O *signo indiciário*, enquanto metodologia de pesquisa, na sua forma visual e/ou verbal, não só ocupa o lugar do objeto e/ou do fenômeno representados, mas, a partir desses vestígios, passa a preencher lacunas e vazios deixados pelo lastro temporal existente de 1991 a 2011. Portanto, nossa proposição se inscreve em um quadro de reflexões sobre o *bem patrimonial* (i)material, vinculado a um determinado ecossistema e/ou à APA de Marituba do Peixe. Da qual as populações brejeiras dependem e (re)tiram daí as suas formas de sobrevivência e de coesão social.

Logo, para nós, autoras deste trabalho, a ideia de *patrimônio* equivale a “um processo social, construído no tempo e no espaço por práticas e representações diversas”, conforme observa Turazzi (2009, p. 47), no seu estudo acerca da relação entre *iconografia e patrimônio* a partir do *Catálogo da Exposição de História do Brasil* (CEHB) publicado em 1881.

Neste sentido, o conjunto dos documentos, visuais, orais e bibliográficos já assinalado, e a pesquisa de campo, em 2011, suscitaram uma gama de olhares cuja interpretação consiste em (re)ver o atual panorama, no horizonte dessa comunidade brejeira da Várzea da Marituba, no Baixo São Francisco alagoano. Portanto, estamos considerando *comunidade brejeira*, porque vinculadas a áreas de brejo, um conjunto de moradores residentes, ou temporários, que se dedicam às atividades pesqueiras, agrícolas, artesanais e ao trabalho sazonal, na condição de diarista, ou boia-fria, das usinas do entorno: Camaçari, Pindorama, Marituba e Paísa. Comenta-se que esta se destacou na expropriação e concentração fundiária, adjacentes à APA da Marituba do Peixe (SILVA, 1990).

De início a fotografia analógica, em p&b, abriu caminho para localizar, a partir da contribuição e do olhar de Regina Coeli Carneiro Marques, não só a APA de Marituba do Peixe, mas dois estudos de caso, a saber: primeiro, *As várzeas ameaçadas: um estudo preliminar das relações entre as comunidades humanas e os recursos naturais da Várzea da Marituba no rio São Francisco* (SILVA, 1990) e segundo, *O RIMA (Relatório de Impacto Ambiental) do poder e o contra-rima dos desertados: des-*

truição e sobrevivência da Várzea da Marituba (MARQUES, 1992).

A metodologia adotada consistiu em utilizar os indícios deixados pelos documentos, aqui, denominados de registros visual, escrito e oral. Estes se constituíram em uma ferramenta que possibilitou a construção de uma narrativa sobre a Várzea da Marituba no semiárido alagoano. De um lado, as *imagens*, de outro os *relatos* (impressos e orais) formaram um diálogo entre si. As imagens fotográficas captadas, em p&b, pelo jornalista e fotógrafo amador Edvaldo Damião, no ano de 1991, representam o primeiro momento dessa reconstrução da saga da Marituba, onde se inscreve contexto e trama.

Quanto ao conjunto de imagens fotográficas sobre a Várzea da Marituba, captadas em p&b, por uma câmera analógica, e produzidas por Edvaldo Damião, careceu da nomeação de quatro descritores inseridos em dois eixos temáticos. Estes, na Fotografia, são também reconhecidos como *gênero fotográfico*. Entre os quais situamos o retrato e a paisagem. A partir dos quais foi realizada uma pesquisa em torno do contexto de produção das imagens, totalizando 08 cópias em papel, cujas dimensões variavam entre: 21X30, 21X29,5, 29X21 e 30X21,5.

Foram utilizadas as 18 imagens no trabalho de campo com vista a sua identificação e localização. Objetivou-se não só o contexto, mas a captação digital de novas imagens, para efeito comparativo. As cópias em p&b não continham, ou acompanhavam, legendas e/ou descrição de seus respectivos conteúdos.

Já no caso da escrita, sob a forma de relatório, passou a fazer parte de um tripé constituído pela Academia, Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal de Sergipe (UFS) e Universidade Federal de Alagoas (UFAL), pela Comunidade de Pescadores e Agricultores da Várzea da Marituba e, por último, pela CODEVASF. As leituras foram ancoradas nos dois estudos de caso, já citados. A nossa preocupação consistiu em cruzar os relatos colhidos pela academia, quer do ponto de vista das necessidades da comunidade brejeira, quer frente às determinações do poder econômico e da

empresa e/ou órgão estatal de planejamento e intervenção política.

A pesquisa de campo tornou-se uma peça fundamental para mapear os locais percorridos por Edvaldo Damião na época, aliada à necessidade de identificar as 18 imagens. Neste trabalho foi realizado um mapeamento com relatos orais da comunidade residente em Marituba do Peixe, em 2011.

3 O DESENREDO DA TRAMA

O nosso trabalho, inicialmente, foi objeto de uma comunicação apresentada no SIMPÓSIO 600 – *Território, Patrimônio e Saúde entorno dos Canais Ibero-americanos* – que integrou as atividades do 54º Congresso Internacional de Americanistas, reunidos na cidade de Viena, Áustria, em julho de 2012, a partir do tema central: *Construindo Diálogos nas Américas*.

Na condição de autoras, decidimos por apresentar uma abordagem interdisciplinar e transdisciplinar, que contemplasse as relações entre História e Ciência da Informação, Arquitetura e Meio Ambiente, respectivamente, Maria de Lourdes Lima, professora do Instituto de Ciências Humanas Comunicação e Artes (ICHCA/UFAL), que detém a guarda provisória das imagens produzidas por Edvaldo Damião, em 1991, sobre a Várzea da Marituba, e Regina Coeli Carneiro Marques, professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU/UFAL), integrante da equipe que delimitou e elaborou a minuta do decreto para a criação da APA da Marituba do Peixe, entre 1987 e 1988.

A intenção foi tornar visível as imagens e refletir sobre a questão socioambiental da Várzea da Marituba, após vinte anos da captação dos referidos registros visuais. Considerando a temática definida pelo SIMPÓSIO 600 – *Território, Patrimônio e Saúde entorno dos Canais Ibero-Americanos* – a nossa proposta foi a de eleger como objeto de nossa investigação os *canais naturais*, aqui, representados pela APA da Marituba do Peixe, circunscrita a uma área de brejo, ou áreas úmidas, onde as imagens captadas e

produzidas por Edvaldo Damião, a miúdo, foram quantitativamente expressivas.

A pesquisa de campo destacou dois momentos: um circunscrito às imagens, outro à leitura de dois estudos de caso. Tratando-se das imagens, selecionamos 18 cópias, em p&b, com dimensões variadas, datadas de 1991. Em seguida, optamos por atribuir quatro descritores, a saber: 1) Panorâmica e paisagem da Várzea da Marituba; 2) Comunidade brejeira, rios e canais; 3) Retratos, cena urbana e rural dos brejeiros; e, por último, 4) Capela, igreja e catolicismo popular.

O trabalho de identificação consistiu em atribuir a cada imagem legenda e localidade, com base nas informações coletadas, durante a pesquisa de campo, realizada entre os dias 12 e 13 de agosto de 2011. Parte das imagens foi identificada e novas imagens, em meio digital, foram captadas por Regina Coeli Carneiro Marques, refazendo o itinerário percorrido por Edvaldo Damião, em 1991.

Das 18 imagens apresentadas aos moradores da Várzea da Marituba do Peixe foram identificadas, apenas, 11 imagens distribuídas nos quatro descritores, para efeito da edição de imagens:

a) Panorâmica e paisagem da Várzea da Marituba

A nossa escolha pela terminologia, *panorâmica*, se deve a um recurso técnico próprio do processo fotográfico. Assim como a *paisagem* também se apresenta como uma composição, ou quadro, cujas motivações e sentidos são alusivos a um dado recorte que pode ser: urbano, rural, uma área de floresta ou desértica, oceânica, entre outras. A panorâmica e paisagem selecionadas, sobre a Várzea da Marituba, dispensaram identificação pelo fato de fazer parte de uma seleção do fotógrafo, antes da sua morte, em setembro de 2000.

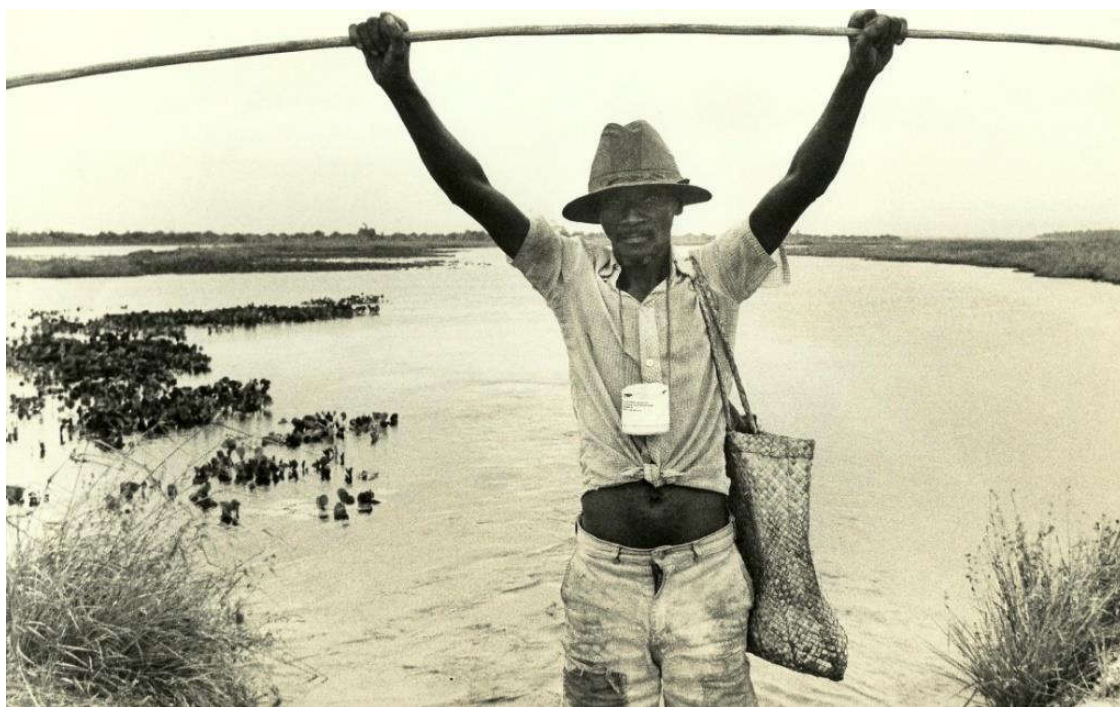
A fotografia 1 confirma o cenário do vale onde a Várzea da Marituba está inserida.

Fotografia 1 – Panorâmica da Várzea da Marituba



Fonte: Edvaldo Damião, 1991.

Fotografia 2 – Pescador em um dos canais da Várzea



Fonte: Edvaldo Damião, 1991.

b) Comunidade brejeira, rios e canais

Fotografia 3 – A mulher na pesca, em um dos canais



Fonte: Edvaldo Damião, 1991.

c) Retratos, cena urbana e rural dos brejeiros

Das cópias apresentadas, apenas cinco foram identificadas pelos moradores da Marituba do Peixe, a saber:

- *Retrato*, com pose, apresentando oito crianças, gênero: masculino e femi-

nino e, mais duas adolescentes, todos distribuídos em quatro planos, da esquerda para à direita: 1º plano, Regis; 2º Ismael, Odeval, Jalmira e Daniel; 3º Dogivan, Maciel e Gilmara. No último plano, Nidinha e Lúcia tecendo a palha de ouricuri (fotografia 4).

Fotografia 4 – Crianças posando para a foto



Fonte: Edvaldo Damiano, 1991.

Fotografia 5 – Ivani tecendo a palha do ouricuri



Fonte: Edvaldo Damiano, 1991.

- *Jovem tecendo palha, bobes no cabelo*, traz entre os dedos uma faixa trançada com a palha de ouricuri (fotografia 5). Foi identificada pela própria mãe

e pela professora Tuca. Trata-se de Ivani, hoje casada e com um casal de filhos (fotografias 6).

Fotografia 6 – Ivani e a família, 20 anos depois



Fonte: Regina Coeli Carneiro Marques, 2011.

- *A casa de taipa do Senhor Capilé.* Na ocasião, ele, de costa, consertava uma rede de pesca, ao lado de sua mulher, Dona Enaura, que traz uma criança no colo. Os dois homens sentados na calçada: Eduardo e Jailton, também conhecido por Cande-

eiro. Próximo ao meio fio, o menino Regis. Este também aparece no primeiro plano de outra sequência de fotos. Atualmente, migrou para Brasília/DF. A casa antes de taipa sofreu reformas (fotografias 7 e 8).

Fotografia 7 – Senhor Capilé, D. Enaura e os vizinhos



Fonte: Edvaldo Damião, 1991.

Fotografia 8 – Senhor Capilé, 20 anos depois



Fonte: Regina Coeli Carneiro Marques, 2011.

- *A praça principal de Marituba do Peixe,* com a caixa d'água, antes abastecia o povoado, atualmente está desativada (fotografia 9). Os bancos foram retirados pela administração pública,

causando indignação na população local. Houve redução do coqueiral e a escala horizontal das edificações do entorno permanece a mesma (fotografia 10).

Fotografia 9 – A praça de Marituba do Peixe na década de 1990



Fonte: Edvaldo Damião, 1991.

Fotografia 10 – A praça de Marituba do Peixe no ano de 2011



Fonte: Regina Coeli Carneiro Marques, 2011.

d) Capela, igreja e catolicismo popular

O catolicismo popular, de origem ibérica, é uma expressão de práticas cotidianas e seculares, por parte de comunidades camponesas e pesqueiras do Nordeste brasileiro. Os seus principais símbolos ou entidades/objetos de representação: o santo e/ou santa de devoção; a capela está para o povoado, assim como a igreja está para as cidades de maior contingente populacional, o santuário; os ex-votos (referente às graças alcançadas); as novenas e, por último, os festejos periódicos, produzidos e conduzidos pelos devotos. Em geral, as capelas e santuários são obras da própria comunidade. No último quartel do século XIX, Antônio Conselheiro, foi um desses construtores e restauradores de igrejas e capelas no interior do Nordeste (OLAVO, 1989).

Retomando o fio da narrativa, as capelas que foram fotografadas por ED, em 1991. Das quatro capelas fotografadas, apenas, três capelas foram identificadas, além da igreja matriz de Piaçabuçu, quando comparadas às novas imagens captadas em 2011, a seguir:

- *Capela Nossa Senhora da Conceição*, localizada na praça principal do povo-

ado de Marituba do Peixe. Onde também acontecem os festejos de São Sebastião, padroeiro local. Hoje, a igreja passa por uma reforma geral (fotografia 11).

Fotografia 11 – Capela de Nossa Senhora Conceição



Fonte: Edvaldo Damião, 1991.

- *Capela de Santo Antônio*, localizada no povoado de Murici (fotografia 12). A capela, externamente, não sofreu nenhuma intervenção (fotografia 13).

Fotografia 12 – Capela de Santo Antônio na década de 1990



Fonte: Edvaldo Damiano, 1991.

Fotografia 13 – Capela de Santo Antônio em 2011



Fonte: Regina Coeli Carneiro Marques, 2011.

- *Capela Nossa Senhora das Graças*, no povoado Retiro, ou Marituba da Fábrica, onde foi instalada a Fábrica Marituba, de propriedade do Cotoni-

fício Gonçalves, de Piaçabuçu, a partir de 1940 (GUNN; CORREIA, 2005) (fotografias 14 e 15).

Fotografia 14 – Igreja de Nossa Senhora das Graças na década de 1990



Fonte: Edvaldo Damião, 1991.

Fotografia 15 – Igreja de Nossa Senhora das Graças no ano de 2011



Fonte: Regina Coeli Carneiro Marques, 2011.

- *Igreja Matriz Nossa Senhora Mãe dos Homens*, cidade de Piaçabuçu. A fachada da igreja sofreu pequenas modificações, uma das portas foi trans-

formada em nicho de oração. A praça foi parcialmente reformada (fotografias 16 e 17).

Fotografia 16 – Igreja Matriz Nossa Senhora dos Homens na década de 1990



Fonte: Edvaldo Damião, 1991.

Fotografia 17 - Igreja Matriz Nossa Senhora dos Homens no ano de 2011



Fonte: Regina Coeli Careneiro Marques, 2011.

Em síntese, as legendas dão conta do que foi coletado em colaboração com a população residente na Várzea da Marituba. Em consonância com as novas imagens captadas, pela câmera digital, nos dias 12 e 13 de agosto de 2012, as novas imagens por finalidade subsidiar as informações obtidas pela oralidade, recente, e pela visualidade das imagens captadas em 1991. As novas imagens, em cor, foram editadas, no formato de vídeo digital – *A visualidade da Várzea da Marituba: 20 anos depois* – postado no *you tube*. Disponível em <http://youtu.be/HaJk1KQ24FM>.

5 LEITURA E INTERPRETAÇÃO

De posse dos estudos de caso produzidos, sob a orientação do Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas no Brasil (NUPAUB-USP), em 1990 e 1992, e de uma reflexão posterior de Marques (2001) sobre a questão, foi pos-

sível examinar, à luz do método indiciário (GINZBURG, 1990) e da noção de cultura anfíbia (LINDOSO, 2005), os impasses e as contradições enfrentadas pelas populações brejeiras do semiárido alagoano.

As tensões sociais ganham forma a partir de uma triangulação que tem no seu vértice as políticas de intervenção estatal de desenvolvimento e a racionalização da economia capitalista, representadas, respectivamente, pela CODEVASF e pelo setor sucroalcooleiro. Na base do triângulo temos, de um lado, os impasses vividos pela comunidade brejeira, e, do outro, a produção de conhecimento acadêmico de alcance social acerca do binômio áreas úmidas e populações humanas, cuja representação é dada pela USP/NUPAUB, pela UFS e pela UFAL/MHN, além de organismos internacionais de apoio e ajuda.

No confronto entre brejeiros *versus* CODEVASF e empresa capitalista, torna-se evidente que estes se irmanam em defender

projetos que visam o aporte de recursos destinados a grandes empreendimentos, haja vista a tentativa de drenagem da área. Silva (1990, p. 107, grifos nossos) assinalam:

Contrariamente à preocupação dos moradores da região em garantir a APA da Marituba do Peixe, os depoimentos dos técnicos da CODEVASF, bem como dos técnicos da *Empresa Terras de Alagoas*, convergem no sentido do que entendem como “*aproveitamento racional da várzea*”, pois acreditam que a mesma está subaproveitada e são contra a sua transformação em Área de Proteção Ambiental, afirmando ser um “*desperdício, já que lá não tem mais nada, só uns passarinhos, alguns peixes e nada mais [...]*”.

O que se evidencia, acima, é a aliança entre a empresa estatal e o capital privado. A Empresa Terras de Alagoas deixa muito claro o seu papel quanto ao monopólio fundiário e as suas consequências: o processo de expropriação e a concentração fundiária. As sentenças “*aproveitamento racional da várzea*” atrelado à “*Área de Proteção Ambiental*” e ao “*desperdício, já que lá não tem mais nada, só uns passarinhos, alguns peixes e nada mais [...]*” deixam muito claro a natureza dos interesses e os seus possíveis desdobramentos.

Retomando o ponto de vista da comunidade brejeira, na perspectiva de Silva (1992, p. 73, grifos nossos):

Quando a Usina Paísa instalou-se na região há cerca de quinze anos, época dos incentivos fiscais [...] dados à política energética do PRÓALCOOL, começou a comprar todas as terras [...] e pressionar a venda daquelas áreas que não estavam aparentemente disponíveis [...] Este momento histórico marca o início de um conflito pela posse da terra que perdura até hoje na Marituba do Peixe e que de certa forma também sela o destino da Várzea.

Após dois anos, entre a publicação do primeiro e do segundo Relatórios, ambos constando a rubrica autoral de Silva (1990; 1992), o que se depreende deste quadro é a permanência das tensões sociais na área.

Quando da pesquisa de campo, realizada em 2011, D. Belinaura, 65 anos, aproximados, moradora de Marituba do Peixe nos, mostrou a presença de infiltração nas paredes de sua cozinha, com mais ou menos 1 metro de altura. Em seguida, nos levou aos fundos da sua casa, apresentando-nos uma área de brejo adjacente. De acordo com seu depoimento, até então, ela nunca havia presenciado o brejo em seu quintal. No passado, este era utilizado para criação de um reduzido número de gado bovino, hoje, praticamente, interdito a essa prática. Assim, como nunca constatou a existência de paredes com infiltração, em sua casa, fenômenos recentes, concluiu.

As imagens também nos revelaram que muitas daquelas crianças fotografadas em 1991, decorridos 20 anos, já não residem na Várzea da Marituba do Peixe. Alguns migraram para outras cidades de Alagoas e/ou para outros Estados da federação. O que demonstra a falta de condições para permanecer no local de origem. O que confirma uma tendência secular do Estado de Alagoas de exibir um dos maiores índices de migração para outros Estados, fato, já existente desde o último quartel do século XIX.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fotografia, como signo indiciário, exerce o mesmo papel da escrita, na visão de Deleuze (1992 apud TADEU, 2012, p.85), uma vez que o filósofo visa “*tratar a escrita como um fluxo, não como um código*”. É desse modo, que as imagens produzidas em 1991 e 2011 (re)conduziram as nossas buscas.

Ao considerar o exposto, Regina Coeli tinha entre os seus documentos um *Jornal do LAB*, publicação do Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB). A matéria de capa trazia uma reportagem que remetia ao “*Complexo Mundaú-Maguaba*”, localizada em Maceió (Alagoas), quem assinava a matéria era Edvaldo Damião (1991), a entrevistada era Regina Coeli Carneiro Marques que situava o repórter em relação ao título da reportagem “*A Vida das Lagoas*”, passando pela sua formação geomorfológica até mergulhar nos

problemas referentes ao açoreamento, à ocupação desordenada das áreas adjacente às lagoas, à poluição urbana, à presença da Ecologia fornecendo uma consciência crítica acerca das questões, enfim.

A reportagem sobre o complexo lagunar Mundáu-Manguaba, simultaneamente, cobria o lastro da questão ambiental que ligava Maceió/Marechal Deodoro ao Baixo São Francisco alagoano, cuja preocupação central integrava os biomas hídricos localizados na região litorânea e no Semiárido de Alagoas.

O fluxo oriundo das imagens de 1991 e de 2011 também potencializou o fluxo da escrita sucessiva dos Relatórios de 1990 e 1992. Seguindo do livro de Marques (2001) responsável por completar a trilogia

da escrita sobre a questão da Várzea da Marituba, em três atos. Portanto, a saga se completa com a obra *Pescando pescadores: ciência e etnociência em uma perspectiva ecológica*. Aqui, Marques (2001) faz uma amálgama da antropologia com a biologia, de modo a humanizar práticas políticas, responsabilidade do Estado e exigência da Sociedade.

Urge, portanto, a necessidade de estabelecer diálogos locais e intercontinentais capazes de produzir reflexões e soluções sobre uma crise de alcance político e socioambiental que atinge não só o *patrimônio natural*, mas o *patrimônio cultural* dessas populações, onde moradia, saúde, alimentação, educação, história e cultura se fundem na mesma perspectiva do bem estar social.

VÁRZEA DE MARITUBA/ALAGOAS:

Image and Information Weaving Memories and Narrative

Abstract

Starting from the theme photography and amphibious culture, the current article is located in an area of confluence between cultural memory and information. Therefore, its main objectives are: to identify the images captured by the photographer Edvaldo Damião in 1991, in combination with the reading of the reports produced and organized by Silva and Marques, respectively, in 1990 and in 1992; to convey visibility to Várzea da Marituba through visual, written and oral sources; to compare the three forms of languages, so that they dialogue among themselves providing subsidies and complementarity. Consequently, the index sign was constituted in the research methodology, as it made use of these visual, written and oral traces, and then gaps and voids were filled. These last were left by the existing temporal ballast from 1991 to 2011 during the accomplishment of the field research by this article's authors. The survey results focused on a reflection framework about the (i) material heritage, linked to the ecosystem identified as Área de Proteção da Várzea de Marituba do Peixe (Protection Area of Várzea de MaritubadoPeixe). In this sense, on one hand, the visual and written records were compared, and on the other hand, the orality of the riverside community was. The findings point out the need to establish dialogues capable of producing reflections and solutions on a crisis of political, social and environmental reach affecting not only the natural heritage, but the cultural heritage of these populations, where housing, health, food and education merge in welfare.

Keywords

Photography. Edvaldo Damião. Amphibious Culture. Index Sign. Várzea de Marituba do Peixe.

Artigo recebido em 11/05/2017 e aceito para publicação em 17/05/2017

REFERÊNCIAS

DAMIÃO, E. A vida das lagoas. **Jornal do IAB-5**, Maceió, p. 6-7, 1991.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas e sinais**: morfologia e história. Companhia das Letras, São Paulo, 1990.

GUNN, P.; CORREIA, T. B. Industrialização brasileira e a dimensão geográfica dos

estabelecimentos industriais. **Revista brasileira de estudos urbanos e regionais**, v. 7, n. 1, p. 17-53, maio 2005. Disponível em: <<http://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/134/118>>. Acesso em: 15 maio de 2017.

LINDOSO, D. **Interpretação da Província**: estudo da cultura alagoana. EDUFAL, Maceió, 2005.

MARQUES, J. G. W. (Org). **O RIMA (Relatório de Impacto Ambiental) do poder e o contra-rima dos deserdados:** destruição e sobrevivência da Várzea da Marituba. [s. l.], NUPAUB/IDCR, 1992. Disponível em: <<http://nupaub.fflch.usp.br/sites/nupaub.fflch.usp.br/files/RimadoPoder%20e%20o%20ContraRima080.pdf>>. Acesso em 15 maio 2017.

MARQUES, J. G. W. **Pescando pescadores:** ciência e etnociência em uma perspectiva ecológica. São Paulo: NUPAUB, 2001.
OLAVO, A. **Memórias fotográficas de Canudos.** Salvador: CNPq/Graphite Gráfica/ATO, 1989.

SILVA, T. E. (Coord.). **As Várzeas Ameaçadas: um estudo de preliminar das relações entre as comunidades humanas e os recursos naturais da Várzea da Marituba no rio São Francisco.** Aracaju: PPCAUB, 1990.

SILVA, T. E. M. Várzea da Marituba: uma abordagem sociológica. In: MARQUES, J. G. W. (Org). **O RIMA (Relatório de Impacto Ambiental) do poder e o contra-rima dos deserdados:** destruição e sobrevivência da Várzea da Marituba. [s. l.], NUPAUB/IDCR, 1992. Cap. 3, p. 69-89. Disponível em: <<http://nupaub.fflch.usp.br/sites/nupaub.fflch.usp.br/files/RimadoPoder%20e%20o%20ContraRima080.pdf>>. Acesso em 15 maio 2017.

TADEU, T. Bibliografia comentada. **Revista de educação biblioteca do professor,** São Paulo, v. 6, n. 85, 2012.

TURAZZI, M. I. **Iconografia e patrimônio:** o catálogo da exposição de História do Brasil e a fisionomia da nação. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2009.